

Consumo das famílias sobe 6,21% em março, aponta ABRAS

Cesta de 35 produtos subiu 2,20% no mês e pressionou o orçamento doméstico.

O consumo das famílias brasileiras ganhou força em março e fechou o primeiro trimestre de 2026 em alta, impulsionado pela entrada de recursos na economia, antecipação de compras para a Páscoa e melhora da renda disponível. É o que aponta levantamento da Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS), divulgado no fim de semana. Segundo a entidade, o consumo nos lares acumulou crescimento de 1,92% entre janeiro e março. Na comparação entre março deste ano e o mesmo mês de 2025, o avanço foi de 3,20%, melhor desempenho para o período desde 2023, quando a alta havia sido de 4,58%. Já em relação a fevereiro, o salto foi de 6,21%.

De acordo com a ABRAS, parte importante desse movimento foi concentrada na última semana de março, em razão das compras antecipadas para a Páscoa, celebrada no início de abril. Também pesou o efeito calendário, já que fevereiro tem menos dias úteis para consu-

mo. O indicador considera todos os formatos de supermercados e os dados são corrigidos pela inflação medida pelo IPCA, do IBGE.

O desempenho do varejo alimentar ocorreu em um cenário de maior circulação de dinheiro na economia. Em março, o programa Bolsa Família beneficiou 18,73 milhões de lares, com repasses de R\$ 12,77 bilhões. O segundo lote do PIS/Pasep injetou cerca de R\$ 2,5 bilhões. Houve ainda liberação de R\$ 1,8 bilhão em Requisições de Pequeno Valor (RPVs) do INSS e aproximadamente R\$ 300 milhões em restituições residuais do Imposto de Renda Pessoa Física.

Para o segundo trimestre, a expectativa do setor segue positiva. Entre os fatores apontados estão a antecipação do 13º salário de aposentados e pensionistas do INSS, estimada em R\$ 78,2 bilhões, com pagamentos iniciados em 24 de abril para cerca de 35,2 milhões de beneficiários. Soma-se a isso o primeiro lote de restituição do Im-



Entrada de recursos na economia, Páscoa e avanço da renda impulsionaram o consumo

posto de Renda de 2026, previsto em cerca de R\$ 16 bilhões para 9 milhões de contribuintes no fim de maio. “Mesmo em um cenário favorável para a renda das famílias, o setor mantém foco em competitividade de preços, eficiência operacional e planejamento, diante de eventuais pressões logísticas e de custos no ambiente internacional”, afirmou o vice-presidente da ABRAS, Marcio Milan.

Preços pressionam

Apesar do aumento do consumo, os preços dos alimentos continuam pressionando o orçamento doméstico. O Abrasmercado, indicador que monitora a cesta de 35 produtos de largo consumo, registrou alta de 2,20% em março, a maior elevação mensal do trimestre. Em fevereiro, a variação havia sido de 0,47%, enquanto janeiro registrou queda de 0,16%. Com isso, o valor médio da cesta passou de R\$ 802,88 para R\$ 820,54.

Entre os produtos básicos, a

principal alta no mês veio do feijão, que subiu 15,40% e já acumula avanço de 28,11% no trimestre. O leite longa vida aumentou 11,74% em março e 6,80% no acumulado do ano. Também tiveram reajustes a massa de espaguete (+0,91%), margarina cremosa (+0,84%) e farinha de mandioca (+0,69%). Os alimentos in natura também pressionaram o bolso do consumidor. O tomate disparou 20,31% em março e já acumula alta de 45,43% no trimestre. A cebola subiu 17,25% no mês e 14,06% no acumulado, enquanto a batata avançou 12,17% em março e 14,04% no ano.

Na direção contrária, caíram os preços do açúcar refinado (-2,98%), café torrado e moído (-1,28%), óleo de soja (-0,70%), arroz (-0,30%) e farinha de trigo (-0,24%). Entre as proteínas, houve alta dos ovos (+6,65%), carne bovina do traseiro (+3,01%) e dianteiro (+1,12%), enquanto frango congelado (-1,33%) e pernil (-0,85%) recuaram.

Regiões

Regionalmente, o Nordeste registrou a maior variação mensal da cesta de 35 itens, com alta de 2,49%, elevando o valor médio para R\$ 738,47. O Sudeste veio em seguida, com aumento de 2,20% e cesta média de R\$ 840,86. No Sul, a alta foi de 1,92%, levando o custo para R\$ 888,57. Centro-Oeste teve avanço de 1,83%, com cesta de R\$ 766,96. Já o Norte subiu 1,82%, mas segue com o maior custo médio nacional: R\$ 890,93.

No recorte da cesta de 12 produtos básicos, o preço médio nacional avançou 2,26% em março, passando de R\$ 336,80 para R\$ 344,40. O menor valor entre capitais e regiões metropolitanas foi registrado em Fortaleza, com R\$ 298,93. Já os maiores preços ficaram no Norte: Belém, com R\$ 422,73, e Rio Branco, com R\$ 425,38. São Paulo apareceu com custo médio de R\$ 365,01.

Brasil perde R\$ 26 bilhões por ano com corrupção na saúde, aponta instituto

Divulgação / Freepik

O Brasil perde cerca de R\$ 26 bilhões por ano com corrupção na área da saúde, segundo estimativa divulgada pelo Instituto Ética Saúde (IES), entidade da sociedade civil voltada à promoção da ética, integridade e transparência na cadeia produtiva do setor. O valor representa impacto direto na capacidade de atendimento do sistema público e privado e compromete serviços essenciais à população.

De acordo com o levantamento, o montante corresponde a 2,3% dos gastos totais em saúde no país, índice semelhante às estimativas de perdas com corrupção em outros segmentos da economia nacional. “Considerando um Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 11,7 trilhões e investimentos em saúde equivalentes a 9,7% desse total, os recursos desviados alcançam níveis conside-

rados expressivos”, cita a IES

Na comparação com 2019, quando o prejuízo estimado era de R\$ 14,5 bilhões, o volume atual representa um crescimento de 79%. Segundo o instituto, o avanço reflete tanto o aumento dos investimentos no setor quanto a ampliação de denúncias e investigações sobre irregularidades. Na prática, os valores perdidos poderiam financiar obras e equipamentos estratégicos. O instituto calcula que os R\$ 26 bilhões seriam suficientes para a construção de 52 hospitais públicos de grande porte, a implantação de 26 mil Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) móveis ou a compra de mais de 2.200 aparelhos de ressonância magnética de alta resolução.

Para o presidente do Conselho Administrativo do IES, Sérgio Rocha, os impactos vão além do aspec-



Superfaturamentos e fraudes em contratos reforçam dados

to financeiro. “A corrupção na saúde tem consequências diretas na vida das pessoas. Cada recurso desviado significa menos acesso ao diagnóstico, a tratamento e à própria chance de sobreviver”, afirmou.

Motivos

Durante a pandemia de covid-19, operações policiais em diferentes estados investigaram suspeitas de superfaturamento, fraudes em contratos emergenciais e irre-

gularidades na compra de insumos hospitalares, evidenciando fragilidades nos mecanismos de controle e fiscalização. O IES destaca que a cadeia da saúde, marcada por alta complexidade e fragmentação, está mais exposta a riscos de corrupção. Por isso, a entidade atua na formulação de diretrizes de autorregulação, programas de integridade, ações de conscientização e mecanismos de prevenção a fraudes.

Segundo Rocha, o enfrentamento do problema depende de fiscalização rigorosa, aplicação da lei, transparência e cooperação entre instituições públicas e privadas. “Estamos falando de recursos que deveriam estar salvando vidas, mas que acabam alimentando esquemas ilícitos”, disse.

Com informações da Folhapress